



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



DIMENSÕES PARA ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

ANDERSON AMARAL DE OLIVEIRA
TAÍSE NEVES POSSANI

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Resumo

Este artigo discute o ensino de Literatura no Ensino Médio brasileiro, considerando a gradual redução de espaço destinado a ela nos currículos escolares. Para isso foram analisados documentos oficiais que orientam seu ensino à luz de concepções teóricas de pensadores contemporâneos sobre papel da Literatura e seu lugar enquanto forma de representação da realidade e seu papel no ensino. Aponta-se que a Literatura é usada muitas vezes como pretexto para estudos fragmentados, meramente utilitaristas que consideram de forma distorcida suas características intertextuais e interdisciplinares. Defende-se o emprego de tecnologias da informação e comunicação (TICs) na educação como forma de aproximação do universo dos alunos às expressões artísticas. Conclui-se que a literatura possui papel central na emancipação dos sujeitos através da educação, enquanto leitores do mundo e da palavra.

Palavras-chave:

Prazer Estético; Leitura; Arte Verbal

Abstract

This paper argues Literature Teaching on Brazilian High School, considering its progressive reduction of space in school *curricula*. For this purposes, official guiding documents for Literature teaching were analyzed focusing theoretical conceptions and contemporary authors over the role of Literature, its place as a way of representing the reality, and its role at teaching. This paper points out Literature is frequently used an excuse for a fragmented and merely utilitarian approach of studies, misconceiving its intertextual and interdisciplinary features. Educational use of Information and Communication Technologies (ICTs) is defended as a way to bring closer the students' universe and artistic expression. Literature is concluded as having a central role in emancipation of subjects through education, while word and world readers.

Key words:

Aesthetic enjoyment; Reading; Verbal Art

Introdução

O presente estudo é fruto de pesquisa em desenvolvimento no Grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no

Ensino Médio (GPEI) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Este grupo articula-se com o grupo de extensão Escola, Currículo, Conhecimento: práticas pedagógicas integradas e integradoras, da mesma instituição, de modo que as discussões aqui apresentadas representam, em parte, preocupações e provocações dos professores, especialmente da educação básica, com quem dialogamos constantemente.

A partir de tais estudos e vivências, tematizamos acerca do lugar dado à Literatura e à leitura literária na escola básica, mais especificamente no Ensino Médio, seja no âmbito da construção dos currículos escolares, seja na forma como é abordada em documentos oficiais, tais como PCN, PCN+, Diretrizes Curriculares etc. Além disso, o presente estudo trata também do entendimento acerca do que é Literatura e qual sua importância na formação das juventudes brasileiras.

Para tanto, faz uma retomada conceitual, revisando questões cruciais para compreender a literatura diante do panorama atual da expressão artística e suas relações com as tecnologias da informação e comunicação. Questões como essas motivam esse trabalho, o qual objetiva contribuir para reafirmar a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, não apenas como pretexto, e sim como centralidade do estudo, possibilitando ao aluno o gosto, o deleite, a apreciação, a transgressão, a fuga do real, a criação, a recriação, a fruição, a crítica, a sensibilização e acima de tudo, a humanização a partir de todas essas vivências.

De fato, a problemática envolvendo o espaço dado à leitura e à leitura literária na escola brasileira tem sido amplamente discutida. Mais precisamente na década de 80, temos um marco, quando importantes publicações, trazendo à tona a questão da qualidade da leitura em sala de aula, surgiram. Exemplo disso é a obra *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*, publicada em 1982. Nessa obra, segundo a pesquisadora Gabriela Luft (2014), autores de renome nas Letras e na Educação, questionam a qualidade da circulação da leitura dentro e fora da sala de aula, principalmente de obras de ficção e poesia, dando início a um debate até então inexistente e que continua em aberto até os dias de hoje, uma vez que os índices de leitura do país pouco, ou quase nada avançaram, principalmente no que se refere à leitura literária. No Brasil apenas 1 em cada 200 estudantes obtiveram a nota máxima nos testes do Pisa em matéria de leitura (OECD, 2012 p. 2)

Nesse sentido, o que pretendemos é, em continuidade às problematizações a respeito da qualidade da leitura no espaço escolar, refletir sobre a Literatura como disciplina curricular a partir de documentos oficiais e questionar o status em que se encontra na contemporaneidade.

Dimensões políticas para o ensino de Literatura

Hoje a literatura não aparece nos documentos oficiais, como uma disciplina, mais precisamente na Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012). Que implicações essa mudança de diretriz traz para a formação dos jovens?

No ano 2000, com a publicação do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) temos uma nova abordagem e entendimento acerca da Língua Portuguesa como disciplina escolar e, junto a essa, da Literatura. O referido documento faz referência à Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71, na qual temos a disciplina de Língua Portuguesa separada da de Literatura. O que no texto do PCN se vislumbra como fator negativo e limitador. Ao fazer referência à disciplina de Língua Portuguesa é posto que:

A disciplina na LDB nº 5.692/71 vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). A divisão repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. (BRASIL, 2000, p.16)

O que é preciso considerar é que, partindo dos documentos oficiais, principalmente das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2012), tem-se que os componentes curriculares se organizam em quatro áreas do conhecimento, nas quais os saberes específicos devem interagir por meio de práticas contextualizadas. Embora pareça claro que na proposta da normativa a organização por áreas de conhecimento não dilui nem exclui componentes curriculares, essa não é a realidade do componente antes denominado Literatura, uma vez que esse não mais compõe a área, como antes, ficando implícito no componente de Língua Portuguesa. Tal direcionamento dado pelas diretrizes oficiais impactam inevitavelmente na configuração do currículo da escola, colocando os conhecimentos literários em uma situação minimamente de conflito entre o estar ou não contemplado no rol das atividades escolares. Cabe à escola decidir como trabalhar e o que trabalhar, se isso for contemplado.

De fato, a organização por áreas do conhecimento e a absorção da Literatura pelo componente de língua evidenciam mudanças no ensino brasileiro, as quais em parte parecem beneficiar a prática escolar e em outra reduzem e simplificam relações e saberes. Sabe-se que a organização por área do conhecimento resulta, em tese, no fortalecimento das relações entre componentes curriculares. Essa organização demonstra, também, um movimento já

visível nas proposições dos PCN em 2000.

Contudo, para a compreensão do impacto de tais alterações no currículo escolar é preciso ainda que se avance em pesquisas e ações diversas, a fim de que se garanta que não estamos diante de uma visão pragmática e unicamente social e discursiva da literatura, mas que esta seja entendida e vivida na escola considerando sua natureza ética e estética.

A legislação mencionada prevê como parte da área de Linguagens os seguintes componentes: Língua Portuguesa, Língua Materna (Indígena), Língua Estrangeira, Arte e Educação Física, excluindo, assim, o componente de Literatura. Nesse sentido, é preciso considerar o impacto na formação dos estudantes do ensino médio e na própria formação de professores, principalmente no que se refere à sua formação artístico/cultural.

O que de fato defendemos é a necessidade de a Literatura estar claramente presente na organização curricular, a fim de fortalecer o olhar humano na formação dos jovens. É preciso que o trabalho com o texto literário tenha sim momentos específicos, de qualidade, isso por que acredita-se que a literatura fortalece as relações educativas, vindo ao encontro de que "a função insubstituível da escola secundária é a de dar aos adolescentes os elementos e as referências essenciais e não somente para a vida profissional, seja qual for em que especificidade, mas também - e essa é uma dimensão educativa que jamais devemos perder de vista - para a vida de relações pessoais, a vida íntima, o uso sensível e prudente dos lazeres." (FUMAROLI, 2010, p. 273).

Seria por meio da literatura que o jovem pode ter autorização para o devaneio, o sonho, a transgressão, como nos coloca Fumaroli, "a escola deve primeiramente tomar uma certa distância em relação ao mundo das urgências imediatas, a fim de construir homens e mulheres interiormente preparados para conhecerem a si mesmos e se desenvolverem em todas as circunstâncias, quer privadas ou profissionais." (2010, p.277.). Assim, é preciso entendermos claramente o porquê da nova organização da Área de Linguagens, por que dessas escolhas e o que de fato elas representam nas ações escolares e na formação dos estudantes. É preciso que as diretrizes garantam espaço claro nos currículos escolares para a leitura e vivência literária.

Os PCN+ por sua demonstram ter uma visão integralizadora do ensino de Literatura com outras práticas especialmente interdisciplinares, contextualizado a literatura e demais formas de expressão cultural com seu tempo e espaço de produção. É o caso de sugestões para trabalhos interligados com as disciplinas das ciências humanas, especialmente da História, o que em parte é positivo, mas não pode ser o único norte para o trabalho com a leitura literária.

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Dante ou Guesche; Molière ou Stendhal. Esse exercício com a literatura pode ser acompanhado de outros, com as artes plásticas ou a música, investigando as muitas linguagens de cada período. Alguns alunos poderão pesquisar, em romances ou em pinturas, a história dos esportes, dos transportes, das comunicações, dos recursos energéticos, da medicina, dos hábitos alimentares, dos costumes familiares, das organizações políticas. (BRASIL, 2012, p.19)

Entretanto, ainda há uma certa tendência à análise estilística da obra, a qual é ressaltada enquanto elemento chave para seu estudo, como é o caso das orientações sobre como conduzir a análise e síntese de textos literários. Essas marcam uma visão do estudo da literatura a partir de seu contexto de produção, não de suas características literárias. É possível perceber claramente uma tensão entre o texto literário em si e o contexto, sendo o último priorizado em detrimento do segundo:

A correlação se amplia na medida em que se exercita a análise e, posteriormente, a síntese. A análise do contexto da época, que dá contorno à situação de produção e às escolhas efetivadas pelo autor de um texto, propicia o levantamento de elementos inter e intratextuais. A percepção de que textos produzidos em uma mesma época ou por um mesmo autor carregam marcas comuns pode conduzir a uma atividade de síntese, na qual se abstraem os pontos principais da análise. Essa é a forma em que se conduzem ou deveriam ser conduzidos os estudos sobre estilos de época na literatura. (BRASIL, 2002, p. 63)

É claro que é preciso considerar que os PCN+ levam o direcionamento do papel do aluno na centralidade da significação, estimulando-o à leitura literária. O veem como um leitor proficiente, crítico, o qual deve estar apto a ler e interpretar obras clássicas da nossa literatura. Além dos aspectos linguísticos e metalinguísticos das obras literárias, os estudantes devem ser estimulados à ampliarem seus repertórios artístico-culturais através da experimentação, produção e compartilhamento de suas produções, esse é um fator positivo do olhar sobre a Literatura, mas reducionista ao focar

em uma visão técnica:

Analisar metalingüisticamente (sic) as diversas linguagens. Ao analisar uma obra de arte modernista ou apreciar um poema concreto, por exemplo, podemos utilizar um vocabulário técnico que seja capaz de descrever com maior precisão os elementos presentes nessas obras (luz, cor, linhas, ritmo, composição, sonoridade) e, assim, cunhar conceitos que auxiliam na compreensão e na fruição das mesmas. (PCN+ 2002, p. 64)

Entretanto, em termos práticos, devemos ter certos cuidados, no estudo da literatura que pode reproduzir uma forma meramente conceitual, através da temida decoreba de conceitos apontados pelo professor ou pelo livro didático sem que o estudante possa ter contato com a obra integral e com um conjunto de obras. Em muitos casos, a prioridade acaba ser vencer uma determinada lista de conteúdos programáticos, fazer uma prova e passar de ano. Assim, se finge que ensina literatura, os alunos permanecem comprando a parte pelo todo e se finge que se aprende.

Mergulhar em um número reduzido de obras com a devida intensidade, significa ler, reler, sistematizar, significar, discutir, questionar a obra e a realidade, adaptar, produzir e reproduzir a literatura com seus códigos em funcionamento, de modo a possibilitar ao aluno a experimentação e a apropriação de um repertório artístico e cultural. É necessário que o prazer estético seja reconciliado ao contexto do aluno por meio da leitura, da crítica e da teoria derivada da prática. Para tanto, devemos ter na escola, momentos qualificados para a leitura literária e para que os jovens se apropriem do que é verdadeiramente o texto literário,

Dimensão da Literatura como forma de representação

Do mesmo modo em que atualmente se constitui o debate acerca de uma crise de representação, é possível constatar que a Literatura vem, há muito, perdendo espaço, não somente como um dos assuntos das discussões do cotidiano, mas, especialmente dentro dos currículos escolares como mencionado anteriormente. Enquanto a situação paradoxal segue seu debate em seu nível acadêmico, a educação básica apresenta igualmente estar fadada a um afastamento gradual e sistemático da Literatura enquanto arte verbal, fato refletido pela percepção de tendências utilitaristas no discurso que subjaz os documentos oficiais, os quais estabelecem os parâmetros e orientações para o ensino e onde a Literatura fica mesclada em meio à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

A arte de modo geral, de fato não pode ser comparada a outros objetos não estéticos, que igualmente constroem, ao mesmo tempo são a própria realidade material. A literatura constitui-se como patrimônio cultural da humanidade, situando-se no limiar da materialidade, pois ao mesmo tempo faz parte do patrimônio material e imaterial (ESQUINSANI, 2010, 211). No passado, fora uma das formas mais populares de entretenimento (WATT, 2007), entretanto, não pode ter seu lugar legado à mesma prateleira das demais formas de entretenimento contemporâneas. De modo que, a diversidade e quantidade de estímulos sensoriais proporcionados pelos suportes tecnológicos não fazem frente aos diferentes níveis de atenção, dedicação e investimento de tempo exigidos do leitor de obras literárias. Não se trata de preferir um ao outro, e sim de compreender que obedecem a formas de representar a realidade que se valem de códigos diferentes, sendo igualmente produtos da criatividade humana que se dirigem a seus públicos de modos particulares, embora possam ter temáticas e elementos comuns, como é o caso das sempre presentes aproximações entre literatura, cinema, música, artes plásticas entre outras.

A literatura vista enquanto objeto estético pode ser um objeto de análise de caráter interdisciplinar e intertextual que possibilita conhecer outros textos, outros discursos, outras pessoas reais ou ficcionais. Para Coutinho (2008, p.24) a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e a nova realidade. Para Aguiar e Silva (2004.p 294),

O texto literário constitui uma unidade semântica, dotada de uma certa intencionalidade pragmática, que um emissor/autor realiza através de um ato de enunciação regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que seus receptores/leitores decodificam, utilizando códigos apropriados.

Apesar da existência de um conceito uníssono para o conceito de literatura e do mesmo modo, uma linha geral para seu ensino, vale lembrar que acima de tudo cabendo ao leitor a criticidade quanto não somente ao conteúdo, e à forma, construindo conhecimento de mundo e de leitura, revelando a si próprio via catarse e ao prazer estético.

Além de qualquer definição apressada, a literatura “é um produto cultural” (SOUZA, 2007, p.10). Ao mesmo tempo em que o ser humano é representado em sua forma mais sublime, o resultado dessa fusão de espíritos do concreto, do poeta e do eterno porvir, que desafia à toda volta, cada um de seus elementos, expandindo o concreto, pervertendo-o a partir do próprio não lugar, da imaterialidade que o constitui.

Em qualquer definição que se exija acerca da literatura, nas linhas ou entrelinhas, à miúdo o conceito de real é sempre desafiado seja via linguagem em sua plurissignificação ou pelo choque do completo silêncio da materialidade bruta.

Nesses movimentos, a tradição é desafiada, descobrindo novas dimensões de seus limites estando em constante redimensionamento. Para Compagnon, (2001, p. 105) a arte poética pela concepção aristotélica está na construção da ilusão referencial. Além disso, Aristóteles foi o responsável, nesse sentido, pela abolição da realidade da teoria literária, passando imitação à representação e ao realismo como efeito formal. Embora desestabilizado da crítica literária, o real pode ser visto neste sentido como o próprio contexto da humanidade, no qual se encontra e constrói sua materialidade histórica.

Dimensão contemporânea da Literatura e da Cultura

A mudança de perspectiva na modernidade na qual há uma ruptura com a idade cristã, coloca o homem em novo paradigma existencial, saindo da eternidade para a história, buscando seu ideal de perfeição a partir da ação terrestre e temporal refutando a vida contemplativa como ideal de perfeição. Entretanto, a concepção realidade ideal é deslocada do âmbito pessoal para uma visão de realidade ideal da sociedade e da espécie (PAZ, 1984).

Segundo esta visão, a modernidade é uma tradição constituída pela heterogeneidade e não somente pela novidade. As rupturas que constituem esta forma de pensar fazem com que a modernidade seja sempre outra. Quando revolução se torna o cotidiano e a ruptura se torna tradição, está transformada em algo diferente. É um ouroboro, é a eternidade cristã rompida, aberta à perfeição que se dá sempre no tempo futuro, tal que a história necessita para isso, compreender o tempo como cíclico.

Na modernidade líquida de Bauman (1998) é a própria era das incertezas e da liquidez das referências, marcado pela transitoriedade e pela fugacidade, características marcadamente icônicas desse período. É possível vislumbrar um borramento entre as fronteiras do público e do privado, sendo os sujeitos voluntariamente suscetíveis à novas formas de realidade, contudo, algumas paradigmáticas. Assim, viver em uma megalópole como São Paulo, dividindo o espaço com outros milhões, a vida dos sujeitos é separada por muros e cercas. Divide, mas muitas vezes não compartilha, criando seu universo como um microcosmo do total fechando em pequenos feudos ensimesmados de acordo com o tamanho do bolso.

Não somente a forma cosmopolita real, mas o fluxo de informações que estão disputando nossa atenção no dia a dia forma uma verdadeira megalópole de informações em nossas mentes, tendo o poder de alterar nossa percepção da realidade ao entorno, assim como altera a forma como nos relacionamos com o outro. Cabe pesquisar se os algoritmos que determinam nossos padrões de busca na internet, são os mesmos que nos tornam mais propensos à fala do que a escuta, ou se os meios de informação e comunicação disponíveis nos deixam menos empáticos e muito mais simpáticos, esbanjando sorrisos padrão selfie.

Os meios virtuais de produção, reprodução, compartilhamento e consumo de conteúdos de modo algum devem ser considerados os vilões da história, e sim como frutos da tecnologia disponível em nosso tempo que também são suportes para trocas sociais a partir de gêneros textuais adaptados e criados para funcionar na virtualidade. São lógicas de organização à moda atual, que sobretudo interpretam e possuem suas formas de representar a realidade por uma perspectiva de mercado que demanda certo dinamismo e elevado grau de inovação, de acordo com as necessidades e interesses de nosso tempo, sejam esses criados pelo próprio mercado corporativo ou não.

O emprego das tecnologias disponíveis para a educação, constitui por si só um dos paradigmas atuais, especialmente no que tange sua utilização racional desses recursos, empregando as funcionalidades potencializadoras de práticas educacionais como acessibilidade, interações virtuais, compartilhamento de conteúdos produzidos de forma intertextual e interdisciplinar. A exemplo das contribuições possíveis, vale pensar nas múltiplas possibilidades de se explorar obras literárias clássicas e mesmo obras de autores desconhecidos pelo grande público. Grande parte destas obras estão disponíveis de forma gratuita em um número avassalador de idiomas. Além disso, muitos museus do mundo oferecem tours virtuais gratuitos com imagens em alta resolução.

O acesso facilitado pela tecnologia leva a literatura e outras formas de arte à uma outra dimensão e a outras formas de representação e de acesso, sendo essas fragmentárias e fragmentadas. As obras digitalizadas e digitais são produzidas e reproduzidas à revelia, em parte ou no todo, deslocando o papel da originalidade para a réplica e para o pastiche, como no icônico Double Elvis, e na pop art de Andy Warhol. Nesta os personagens inspiradores das obras de arte já encontram replicados pelas mídias de massa, ocupando um novo espaço na vida, ocupando espaços em sua virtualidade ou mesmo em sua ausência. Para Jameson (1985, p. 18)

É este o momento em que o pastiche aparece e a paródia se torna impossível. O pastiche é, como a paródia, a imitação de um estilo singular ou exclusivo, a utilização de uma máscara estilística, uma fala em língua morta: mas a sua prática desse mimetismo é neutra, sem as motivações ocultas da paródia, sem o impulso satírico, sem a graça, sem aquele sentimento ainda latente de que existe uma norma, em comparação com a qual aquilo que está sendo imitado é, sobretudo, cômico.

Embora a relação da obra de arte esteja não somente distanciada da realidade como do próprio objeto é possível que no estágio atual da representação seja tempo de devolver ao aluno o protagonismo, por meio da leitura crítica literária e da releitura, por meio da reconstrução e da apropriação dos sentidos o caminho pedagógico a ser traçado.

Neste sentido, mais do que ensino de um conjunto de normas linguísticas, conceitos, acontecimentos históricos e ou escolas de estilos, a significação de uma obra por um viés crítico, tem o poder emancipatório aos sujeitos cujo questionamento do si próprio e da realidade constituem uma das possibilidades de envolvimento pedagógico. Cabe ao professor aproximar o universo dos alunos ao universo da representação do ser humano por meio da acessibilidade das obras de arte em suas representações e suas exposições especialmente na virtualidade, testando novas abordagens e experimentando os limites da representação, não perdendo como referência os clássicos e a tradição.

Dimensão crítica no ensino

A abordagem da literatura em sala de aula apenas como um gênero textual ou como um pretexto para ensino de outras ciências humanas é minorizá-la enquanto objeto estético. O problema do ensino da literatura tem sido, nos últimos anos, objeto de intensa discussão sobre métodos e abordagens adequados a atender as necessidades dos estudantes contemporâneos. É necessário potencializar os espaços ainda existentes nos currículos. Para Coutinho, O estado de esgotamento e crise que chegou o ensino de literatura à luz do método tradicional com base na memorização de sumários do ambiente social e histórico, da biografia dos autores e das listas de obras e datas, exigiu uma mudança de processos. O que importa no ensino da literatura é a criação do gosto para a obra literária, e isto somente se consegue com a leitura e compreensão da literatura como literatura, isto é, pela abordagem através das obras elas mesmas. (2008, p. 43 ou 47)

As obras literárias, como expressão da inteligência humana, encontram-se permeadas da forma de interpretar e representar o mundo segundo a visão dos homens daquele tempo. Bem como a forma de pensamento, marcas sociais, histórias e discursivas que nos ensinam a desconstruir a realidade, bem como construí-la através de um objeto estético. Afirmar que o estudo da literatura se justifica não tão somente pelo objeto, seja ele a representação da natureza, como a mimese aristotélica, ou enquanto objeto de estudos das humanidades, ou especialmente pela história da literatura. Considerando que a literatura emprega não apenas a linguagem não-referencial em suas manifestações cabe analisar também os discursos empregados e como são construídos e a que servem. A partir da análise mais rigorosa via linguagem traça a história e a estória à contrapelo, evidencia as relações de poder e evidencia as ideologias outras relações além do estético da evolução referencial.

Para o professor de literatura Gustavo Bernardo o filósofo Vilém Flusser (2013, p. 93-95) cita duas formas de ler o texto literário, a primeira como resposta do autor para as perguntas que o seu tempo e outros autores lhe fizeram. A leitura como pergunta é uma provocação para nós mesmos, como um pré-texto para a reflexão de nosso próprio texto. São as leituras crítica/analítica e a especulativa respectivamente. As outras três formas acrescentadas por Bernardo, seriam a leitura ingênua, a leitura crítica e a leitura teórica.

No entanto, é apontado que a forma de leitura predominantemente exercida pela a escola, é a analítica, chamada de crítica por Flusser. Assim ocorre em função do controle que o professor possui sobre o certo e o errado, e sobre as demais informações sobre o fenômeno literário, suas informações e seus conhecimentos.

Para Harold Bloom (2001, p. 17) ler não se trata de uma prática educativa e sim um hábito pessoal, sempre com objetivos específicos, a exemplo da leitura bíblica. Nesse sentido, o objetivo de quem busca a Bíblia ou a Shakespeare buscam a mesma coisa, uma transformação de caráter universal.

Ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos tantas pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafios da vida familiar e amorosa.

(BLOOM, 2001, p. 15)

Assim como não temos a necessidade biológica de beber Coca-Cola ou consumirmos literatura, os fazemos da mesma maneira e sobretudo o prazer é a maior recompensa. Embora infame, tal comparação não se torna menos verdadeira, pois mesmo grandes marcas necessitam de massiva propaganda que funciona como uma série de lembretes de que devemos consumir sempre. Do mesmo modo, a literatura deve ser levada à sala de aula, aproximada do universo dos alunos e que sensibilizados a partir destas relações, novas leituras sejam possíveis. Para isso, é fator fundamental que o professor seja também consumidor regular, satisfeito, propagandista nato e um diferencial na formação cultural, e humanista dos estudantes.

Cabe ao professor em sua prática educativa desvelar o acesso ao conhecimento via leitura e desenvolver nos estudantes a necessidade da leitura, especialmente a leitura literária visando a formação de um público leitor, que a partir da palavra escrita e falada seja capaz de ver o mundo por outros olhos, e segundo Bloom, (2001, p. 18) encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizado como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante à nossa, e que seja livre da tirania do tempo.

A partir de uma prática de leitura autêntica, na qual o texto literário é experimentado, testado desafiando o leitor ao mesmo tempo em que é desafiado por meio da significação. Ler ao mesmo tempo envolve tomada de posicionamento e reação à narrativa do outro em sua forma e conteúdo, deve desencadear em um processo crítico que para Bloom, (2001, p. 15) “deve ser experimental, pragmática e não teórica”. Nesse sentido, Compagnon afirma que:

Por crítica literária compreendo um discurso sobre as obras literárias que acentua a experiência da leitura, que descreve, interpreta, avalia o sentido e o efeito que as obras exercem sobre os (bons) leitores, mas sobre leitores não necessariamente cultos nem profissionais. A crítica aprecia, julga; procedo por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção: seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação. (2001, p. 21 e 22)

A atividade crítica em sala de aula possui papel motor no desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes apontando caminhos não somente de apreciação de obras literárias como modificadoras das próprias práticas educativas. A leitura está no centro da problemática escolar, tal que um leitor eficiente é capaz de problematizar o mundo que à sua frente se constrói via linguagem seja esta literária, matemática, química ou mesmo através da linguagem oral. Não basta ensinar literatura, é necessário ensinar a ler a palavra e o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é direito de todos e representa a expressão estética da linguagem e do espírito humano. A sua recepção, compreensão e fruição depende de quem a consoma tenha um repertório de leituras de mundo e da palavra, implicando que os conhecimentos linguísticos, metalinguísticos, éticos e estéticos estejam à serviço do estudante e que esse por sua vez tenha respeitado seu direito primordial a uma educação de qualidade.

As políticas públicas para o ensino de Literatura estão igualmente à produção artística sujeitas às influências e ao modo de pensar de seu tempo. Esse fato justifica em partes a visão que os documentos oficiais apresentam sobre o status da Literatura que pode se fragilizar enquanto área do conhecimento, comprometendo não somente uma disciplina, mas sim privando aos alunos da reflexão e do acesso ao uso apurado da linguagem.

Tendo em mente que o ser humano é um ser social, cultural e que se constitui por meio da linguagem, defendemos que a prática da literatura, tanto sua recepção, produção e crítica, constituem-se como diferenciais que certamente podem nos conduzir à excelência em leitura e escrita, superando os assustadores indicadores da educação brasileira. Se “ler nos conduz a alteridade” conforme anteriormente citado, a Literatura contribui para que os sujeitos sejam sensibilizados à presença do outro e a si próprio em sua relação dialógica com o mundo através da linguagem.

Referências Bibliográficas

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. Teoria da Literatura. 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **A estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 1997

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Gênio: Os 100 autores mais criativos da literatura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional De Educação. Resolução nº 04, de 13 de julho 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 09 jul. 2010. Seção 1, p. 10. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17417&Itemid=866 Acesso em: 05 set. 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN+Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte. UFMG, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008.

ESQUINSANI, Rosimar S. S.; ESQUINSANI, Valdocir A. **PATRIMÔNIO CULTURAL, LEITURA E FORMAÇÃO: a atuação docente**. Projeto História nº40. Jun. 2010.

Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6130/4452>> Acesso em 30 jun. 2015.

FUMAROLI, Marc. A literatura: preparação para tornar-se pessoa. In.: MORIN, Edgar. (org.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand

Brasil, 2010.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e sociedade de consumo**. Trad. Vinicius Dantas. – São Paulo n.º 12, pp. 16-26, jun. 1985.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. **Retrato de uma disciplina ameaçada: a literatura nos documentos oficiais e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT – OECD. **Programme for International Student Assessment (PISA). Results from PISA 2012**. [s.l.], 2012.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. **Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

SOUZA, Roberto Acizelo de. Teoria da Literatura. 10 ed. São Paulo. Ática, 2007

WATT, Ian. **A Ascensão do Romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Anderson Amaral de Oliveira, Me. (autor)

Professor do Curso de Letras - Português/Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ

Táise Neves Possani, Me. (coautora)

Professora do Curso de Letras - Português/Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: